

MAI 27 e JUN 4



HAYDN+

TEMPORADA OSESP 2021
QUARTETO OSESP

27.5 quinta 20H

4.6 sexta 20H CONCERTO DIGITAL*

QUARTETO OSESP

EMMANUELE BALDINI VIOLINO
DAVI GRATON VIOLINO
PETER PAS VIOLA
RODRIGO ANDRADE VIOLONCELO

JOSÉ STANECK HARMÔNICA

JOHANN SEBASTIAN BACH [1685-1750] | CAIO FACÓ [1992]

Goldberg: Diálogos Entre Duas Eras [1741-2021]

[ESTREIA MUNDIAL]

PRÓLOGO: A VIAGEM DO PEREGRINO DE LÛBECK

ÁRIA

VARIAÇÃO I

VARIAÇÃO V

GRADUS AD PARNASSUM: ENSAIO SOBRE AS

ESPÉCIES E SEUS SIGNOS CROMÁTICOS

VARIAÇÃO VI

AFFEKTENLEHRE: A CIÊNCIA DOS AFETOS

E SUAS HARMONIAS OCULTAS

VARIAÇÃO XXVI

DIALOGO: DELLA MUSICA ANTICA,

ET DELLA MODERNA (SOBRE VINCENZO GALILEI)

VARIAÇÃO VII

VARIAÇÃO XXX: QUODLIBET

21 MIN

ESTEBAN BENZECRY [1970]

Wirin - Senderos [2016] [ESTREIA BRASILEIRA]

WIRIN 1

WIRIN 2

WIRIN 3

11 MIN

JOSEPH HAYDN [1732-1809]

Quarteto n° 62 em Dó Maior, Op. 76 n° 3 - Imperador [1796-97]

1. ALLEGRO

2. TEMA E VARIAÇÕES SOBRE O HINO GOTT ERHALTE

FRANZ DEN KAISER (POCO ADAGIO CANTABILE)

3. MENUETTO: ALLEGRO

4. FINALE: PRESTO

31 MIN

*Gravado no dia 28/5, sem público, na Sala São Paulo.

BACH / FACÓ

Goldberg: Diálogos Entre Duas Eras

Pode-se dizer que *Goldberg: Diálogos Entre Duas Eras* foi composta em um intervalo de 280 anos. A obra se manifesta na forma de um diálogo entre séculos e culturas distantes. Em princípio, foram arranjadas para quarteto de cordas a *Ária* e seis das 30 *Variações Goldberg* – peça para teclado de Johann Sebastian Bach, publicada em 1741. Posteriormente, foram inseridos entre os arranjos quatro comentários musicais, todos escritos por mim em 2021. Esse diálogo, embora permaneça nos limites de um mesmo assunto musical, ocorre entre duas linguagens distintas: a de Bach e a minha própria. A combinação de estéticas e sonoridades vai além de um ensaio de contextualização da obra do mestre barroco para os tempos atuais. O propósito maior desta peça é idealizar um diálogo cordial, construído por timbres e caracteres distintos, respeitando a natureza de cada som. Por mais distantes que sejam os discursos, por maiores que sejam as diferenças, sempre há a possibilidade do diálogo. Em *Goldberg* as ideias não buscam sobrepor-se umas às outras, mas sim construir um ambiente de consonância, de respeito às diferenças, de escuta, com verdadeira atenção à essência mais íntima do outro.

CAIO FACÓ, COMPOSITOR

BENZECRY

Wirin — Senderos

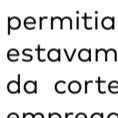
Wirin é um termo da arte têxtil mapuche, que significa risco de cor, um caminho. De modo geral, *wirin* é constituído de faixas bem definidas, franjas que correm em sentido vertical e representam linhas, ou trilhas, por onde transcende a vida. Suas bordas são imperfeitas porque não se trata de caminhos feitos pelo homem, mas de trilhas naturais, com acidentes geográficos ou "cósmicos". Em geral, o *wirin* vertical é um desenho usado em ponchos, sozinho ou como moldura de desenhos mais complexos.

Nesta obra, a harmônica como voz solista representa o ser que percorre diferentes trilhas da vida, através de diferentes paisagens imaginárias representadas pelo quarteto de cordas. As sonoridades do indivíduo reverberam ao longo de contrastantes acidentes geográficos e ressonâncias que, em alguns momentos, recordam as sonoridades típicas do folclore argentino, como o lamento da *baguala* na *vidala*,¹ a melancolia do *bandoneón* no tango, além da energia e a alegria dos ritmos do *malambo* e do *carnavalito*.

Wirin nasceu graças a uma encomenda do Quarteto Gianne, que a estreou em 24 de novembro de 2018 no auditório da Rádio Nacional de Buenos Aires, tendo como solista Franco Luciani, a quem a obra é dedicada.

ENTREVISTA DE ESTEBAN BENZECRY
A ARTHUR NESTROVSKI [REVISTA OSESP 2021]
TRADUÇÃO: MARCOS BAGNO

Confira o ensaio completo em: bit.ly/revista-osesp-benzecriy



¹N.D.E.: BAGUALA E VIDALA SÃO GÊNEROS MUSICAIS ANDINOS, QUE COM FREQUÊNCIA OCORREM INTERLIGADOS. ENQUANTO A BAGUALA É GERALMENTE CANTADA A SOLO, EM ANDAMENTO LENTO, A VIDALA É RESPONSORIAL E UM POUCO MAIS RÁPIDA. AMBAS COSTUMAM TER ACOMPANHAMENTO INSTRUMENTAL DE VIOLÃO E CAJA, UM TIPO DE TAMBOR.

HAYDN

Quarteto n° 62 em Dó Maior, Op. 76 n° 3 - Imperador

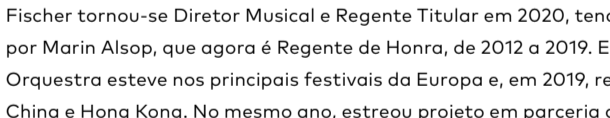
Em 1795, Haydn acabara de empreender uma visita espetacularmente bem-sucedida à Inglaterra. De volta à corte do Príncipe Eszterházy II, o compositor tinha uma demanda de trabalho relativamente amena, que lhe permitia aceitar encomendas de outros nobres. Entre estas, estavam as do conde Joseph Erdödy, o então chanceler da corte húngara. Embora sua família tradicionalmente empregasse uma orquestra completa, Joseph Erdödy, em resposta a dificuldades financeiras e seguindo a moda do momento, diminuiu a quantidade de músicos que serviam a sua família e encomendou ao compositor um conjunto de seis quartetos de cordas. A Haydn se atribui o mérito de ter estabelecido as convenções formais e os valores estéticos que garantiriam ao quarteto de cordas *status* elevado e significado especial na cultura musical ocidental e nesta altura da vida suas peças neste formato já gozavam de grande estima entre plateias e intérpretes. Os seis quartetos não só foram extremamente apreciados, mas tornaram-se conhecidos como os melhores dentre todos os 68 quartetos do compositor. Entre os seis, o mais famoso é justamente o *Quarteto n° 62*, que figura no programa de hoje.

Na época da sua composição, Viena estava sob ameaça de invasão napoleônica. A cidade se encontrava em estado de emergência e uma milícia civil se mobilizava para defendê-la. Foi neste contexto que Haydn, nacionalista apaixonado, escreveu a melodia da canção *Gott Erhalte Franz den Kaiser* [*Deus Proteja o Imperador Franz*], inspirada no patriotismo britânico de *God Save the King* [*Deus salve o rei*]. Tal peça foi imediatamente adotada como hino nacional austríaco, tornando-se uma de suas composições mais populares. O segundo movimento do *Quarteto n° 62* é composto de uma série de variações sobre a melodia da celebrada canção e, por conta da citação, a composição recebeu o apelido de *Quarteto do Imperador*. Haydn de fato gostava tanto dessa melodia que, quando cria variações em cima dela, a linha melódica nunca se esconde, estando sempre presente em algum dos instrumentos, em sua forma original.

Além disso, o *Quarteto* como um todo é estruturado em torno do movimento lento, o que faz dele o seu ponto focal. Vemos ecos de *Gott Erhalte Franz den Kaiser* também no primeiro movimento; seu tema gira em torno de cinco notas, cada uma representando uma das palavras do título do hino em alemão. G (Gott) — E (erhalte) — F (Franz) — D (den) — C (Kaiser). Esse tipo de mensagem criptica era muito comum, tanto em geral quanto especificamente na obra de Haydn, e certamente não passaria despercebida pelo público.

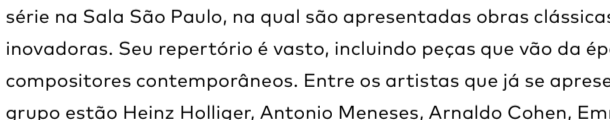
Quando falamos em um hino composto em tempos de guerra, é fácil imaginar algo de cunho marcial. Esse não é o caso, porém, da peça de Haydn, cujo temperamento era igualmente equânime e agradável, nada belicoso. Aqui, não se trata de um hino que incite o heroísmo e a batalha (como é o caso de *A Marselhesa* e, em certa medida, do novo hino) e sim de uma composição que pede a proteção divina para seus soberanos, com um feitiço de súplica, ao mesmo tempo muito nobre e tocante. É uma melodia de imensa doçura e essa qualidade pode ser reconhecida também no resto do quarteto. Buscando acentuar o sentimento pátrio, o compositor infunde à vários trechos da peça um caráter rústico de dança, fazendo uso de um pedal que nos remete à gaita de foles e nos faz pensar em uma dança camponesa, típica do folclore austríaco. Outras partes são repletas de vigor e brio, de um orgulho sereno em sua convicção. Sem dúvida, trata-se de uma composição nacionalista; mas é ao mesmo tempo terna e honesta em sua vulnerabilidade, nos mostrando o melhor que Haydn tinha a oferecer como compositor.

LAURA RÓNAI
É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA Cadeira de Flauta Transversal na UNIRIO e Professora no Programa de Pós-Graduação em Música. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO



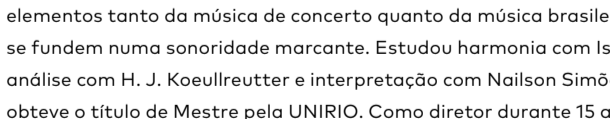
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Oseps. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, sucedendo Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschevsky, recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Oseps reúne o *spalla* da Orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista convidado Rodrigo Andrade. Desde sua fundação, o Quarteto Oseps tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras. Seu repertório é vasto, incluindo peças que vão da época barroca até compositores contemporâneos. Entre os artistas que já se apresentaram com o grupo estão Heinz Holliger, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, Emmanuel Pahud, Nathalie Stutzmann e Jean-Efflam Bavouzet.



JOSÉ STANECK

Músico, concertista, Mestre em música, produtor e editorador, José Staneck faz de sua harmônica um instrumento de transformação. Chamado de David Oistrakh da harmônica pelo crítico francês Olivier Bellamy e comparado aos músicos Andrés Segovia e Mstislav Rostropovich por sua atuação na divulgação do instrumento pelo crítico Luiz Horta, envolve um estilo próprio onde elementos tanto da música de concerto quanto da música brasileira e do jazz se fundem numa sonoridade marcante. Estudou harmonia com Isidoro Kutno, análise com H. J. Koellreutter e interpretação com Nairson Simões. Em 2007, obteve o título de Mestre pela UNIRIO. Como diretor durante 15 anos da MusiarTE, desenvolveu importante trabalho na área do ensino, e atualmente viabiliza um trabalho social de inclusão cultural, atendendo a comunidades carentes e projetos sociais, levando o ensino de música através da gaita para crianças em diversos locais do Brasil. Atua com diferentes formações camerísticas, e já foi solista de diversas orquestras sinfônicas brasileiras e internacionais.

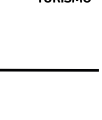
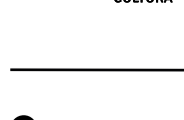
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR JOÃO DÓRIA
VICE-GOVERNADOR RODRIGO GARCIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO SÉRGIO SÁ LEITÃO
SECRETÁRIA EXECUTIVA CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS ANA CARLA ABRÃO CÉLIA PARNES ENEIDA MONACO HELIO MATTA JAYME GARFINKEL LUIZ LARA MARCELO KAYATH MARIO ENGLER MÔNICA WALDVOGEL PAULO CEZAR ARAGÃO PÉRSIO ARIDA SÉRGIO SUCHODOLSKI TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO



/oseps

osesp.art.br

/oseps

sasapaopaulo.art.br
fundacao-osesp.art.br